



SHOW DA FÉ: MODOS DE DIZER E (RES)SIGNIFICAR

Izabel Seehaber¹

Carme Regina Schons²

Partindo do pressuposto de que, há algum tempo, várias Igrejas de denominações religiosas identificaram, em suportes como o televisivo, uma oportunidade de expandir suas práticas religiosas e garantir um espaço de inclusão, iniciamos este texto fazendo referência à designação “show da fé”. É, então, no funcionamento do discurso da Igreja Internacional da Graça de Deus que situamos o presente trabalho de investigação. Sendo a fé uma das características mais marcante do homem, neste milênio, e responsável por grandes eventos de massa no Brasil, a Igreja utiliza-se da mídia para conquistar o seu número de adeptos, expandindo sua doutrina e evangelizando seus fiéis. Isso explica o uso da mídia (rádio, televisão, jornais, revistas) e, agora como vimos na visita do Papa Francisco, o uso da tecnologia, ou seja, da internet. Podemos dizer que essa mudança por que passa a Igreja, sobretudo porque, ao se imbricar no discurso jornalístico, atua na institucionalização e naturalização de sentidos. Para perseguir o funcionamento dessas questões, valemo-nos do programa de R. R. Soares, o qual busca reafirmar, em suas pregações, dogmas como a importância da fé e da submissão ao Senhor.

Ao buscar uma interligação com a ciência da linguagem, o presente trabalho, inserido na linha de pesquisa da Análise do Discurso – AD – de orientação francesa, propõe-se a discutir a relação religião e ciência por meio da análise dos depoimentos de fiéis no programa televisivo “Show da fé”, promovido pela Igreja Internacional da Graça de Deus e transmitido diariamente em horário nobre pela Rede Bandeirantes. É, pois, nesse espaço que os seguidores de R. R. Soares revelam as mudanças e melhorias registradas em suas vidas após frequentarem a Igreja e assistirem ao programa.

A pesquisa leva em conta a importância cada vez mais significativa que a mídia exerce em diferentes setores, inclusive no campo religioso. Muito além de ingressar na discussão permanente entre religião e ciência e suas particularidades, o estudo pretende ainda mostrar, por meio de uma análise discursiva, de que forma a religião e a fé ancoradas na mídia podem conquistar espaços de destaque na rotina de muitos fiéis, exercendo influência sobre o comportamento e a crença daqueles que, por vezes, sentiram-se “abençoados” com a cura e outras melhorias em suas vidas. Entre os

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras (UPF) E mail: izabelseehaber@hotmail.com

² Doutor em Estudos da Linguagem – Teorias do Texto e do Discurso – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professora do Mestrado e do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: crschons@gmail.com



aspectos que serão analisados no contexto discursivo, estão conceitos formulados por Pêcheux como formação ideológica, formação discursiva, interdiscurso e memória.

Considerando o que postula Pêcheux (1997), a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, dessa forma, esse conjunto, denominado de formações ideológicas, assume um papel desigual na reprodução e na transformação das relações de produção. Diante disso, não se pode pensar o sentido e o sujeito sem pensar em ideologia. Do mesmo modo, não se pode pensar em questões discursivas e ideologia sem pensar em linguagem.

PROCESSO DISCURSIVO

Na rede complexa de relações de poder já intrincadas na produção do campo religioso, observam-se também as relações de poder de outros campos: político, midiático, econômico. O florescimento de ideias, oriundas do fenômeno da presença dos grupos religiosos nos meios de comunicação e a conseqüente recriação do conceito de Igreja Eletrônica, tem seu foco no material. A Igreja, a partir da década de 70, passou a buscar veículos de comunicação que divulgassem somente os valores cristãos, mas que, contraditoriamente, tem captado maior número de investidores. Vale lembrar que a mídia está em todo lugar e, nesse sentido, exerce poder de influenciar e mudar um processo político, por exemplo, bem como tem o poder de acentuar as relações de forças entre as sociedades. Fazer “ver milagres”, leva à crença do seu poder na vida dos sujeitos.

Diante disso, fica a pergunta: “Resgatar o passado ou simplesmente atualizá-lo trazendo em sua essência, vestígios e marcas de lembranças, identidades e ideologias?” O poder da mídia de sustentar significados deve-se ao papel na naturalização de ideologias, e do efeito dessas sobre os sujeitos. A capacidade de endossar, reforçar, minar e assegurar novos conceitos e realidades não ocorre apenas pelos mecanismos de poder, mas também por mecanismos ideológicos (AIE, de acordo com Althusser).

Se observarmos a história-memória, acredita-se que a verdadeira percepção do passado considera que ele não era verdadeiramente passado, o que torna possível amenizar as distâncias e retomar o conteúdo, atualizá-lo, mantendo características fortes, inclusive sobre a origem de cada ser humano. A memória é capaz de manter a história, portanto, a relação torna-se praticamente indispensável. Diante do desafio da memória, nos tornamos uma espécie de historiadores com a missão de construirmos história.

Aos poucos origina-se o processo discursivo, que segundo Pêcheux (1975), é o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônimas, entre outras, que funcionam entre elementos linguísticos - significantes - em uma determinada formação discursiva. As formações discursivas, por sua vez, estão interligadas e determinadas diretamente à formação ideológica do sujeito, o que põe em jogo aspectos sociohistóricos nos quais expressões são produzidas e reproduzidas.

Já as palavras ganham sentido(s) a partir da posição e das referências de quem as emprega. Citando Pêcheux, os indivíduos se tornam sujeitos falantes, sujeitos de seu discurso através das



formações discursivas que representam na linguagem as respectivas formações ideológicas. Diante disso, não se pode pensar o sentido e o sujeito sem pensar em ideologia. Do mesmo modo, não se pode pensar em questões discursivas e ideologia sem pensar em linguagem.

Numa análise discursiva se observa a posição sujeito projetada pelo indivíduo no discurso. O enunciador e o destinatário ocupam posições sujeito diferentes, constituindo os pontos de interlocução. Em meio a isso Pêcheux, ainda em 1969, aborda as formações imaginárias que coordenam o discurso, tais como a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, assim como de seu objeto de discurso. Há também a possibilidade de antecipação definida como a capacidade do locutor de se colocar na posição do interlocutor, "prevendo" sua resposta.

Grande responsável pela argumentação, a troca de linguagem, por meio da antecipação, se modela como um jogo de xadrez onde aquele que consegue se antecipar a seu interlocutor é melhor orador, mais eficiente com a palavra. Como é o caso de R.R. Soares que ao se pronunciar, conquista e emociona seus fiéis. Se trata de utilizar as palavras mais coerentes no momento oportuno, chegando a seguinte situação: "O que esse público quer ou precisa ouvir?".

Esse processo acontece no imaginário, reafirmando e resgatando tudo por meio das relações de sentidos, as quais fazem com que expressões ditas estejam relacionadas com algo que já foi mencionado. O interdiscurso é definido por M. Pêcheux como complexo, dominante das formações discursivas, sendo o que as determina.

Por meio do funcionamento do interdiscurso, o sujeito não pode reconhecer sua subordinação ao Outro, pois, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta sob a forma de autonomia. Com isso, muitas pessoas tornam-se seguidores de determinada crença de forma tranquila e sem muito esforço, como se fosse um processo natural, desprovido de interferências que possam ter induzido a tal comportamento.

De acordo com Courtine pode-se pensar em dois eixos: a constituição do dizer (representado pelo eixo vertical) e o eixo da formulação (representado pelo eixo horizontal). É no cruzamento desses eixos que se origina o dizer que determina a formulação.

Já no que concerne à memória discursiva, há que se ponderar que ela é constituída pelo esquecimento, portanto, quando enunciamos, estamos "resgatando" algo que já foi dito em algum momento, em algum lugar. Trata-se de formulações já feitas e esquecidas. A memória discursiva é trabalhada pela noção de interdiscurso sendo que "algo fala em outro lugar de forma independente", eis o saber discursivo.

Os aspectos ligados ao pré-construído se tratam de uma construção ligada às evidências pelas quais o sujeito atribui os objetos do próprio discurso.

A enunciação de uma sequência discursiva apropria-se dos elementos do interdiscurso, como espaço do pré-construído, ao mesmo tempo em que o interdiscurso atravessa e conecta entre si

esses elementos. Nessa perspectiva, quando ocorrem falas como as de R.R. Soares, há quem julgue que podem haver comentários diferenciados, próprios e característicos unicamente da Igreja a qual ele faz parte, no entanto, tal análise pode estar equivocada, uma vez que se faz necessário considerar as inspirações e as questões históricas que permeiam seu discurso e seu comportamento.

SUJEITO E POSIÇÃO SUJEITO

Todo sujeito na Análise do Discurso é marcado pelos fatos de sua própria história. Esse sujeito pertence a uma determinada comunidade, segue crenças e valores específicos, é interpelado pela ideologia, fatores os quais irão refletir posteriormente em seu discurso.

Pêcheux pontuou que “os indivíduos são interpelados em sujeitos de seus discursos, pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (1990, p.161). Essa interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se dá por meio da identificação do sujeito com a respectiva Formação Discursiva que se manifesta pela forma-sujeito.

Segundo Pêcheux (1990, p. 171), ao tomar posição, o sujeito do discurso identifica-se com seus semelhantes e com o sujeito e reduplica sua identificação com a forma-sujeito a qual define o que pode ou não ser dito ao que se refere à Formação Discursiva.

No interior de cada Formação Discursiva o sujeito pode se apresentar em diferentes posições que formam modalidades da relação do sujeito universal com o sujeito da enunciação (COURTINE, 2009, p. 102).

Devemos considerar que a noção de sujeito está muito ligada à noção de língua. Ao mesmo tempo, a posição do enunciador, sujeito que detém ou toma a palavra, não é apenas um indivíduo singular, mas leva em conta o interlocutor. Benveniste denominou “aparelho formal da enunciação”, considerando que o sujeito faz uso de línguas próprias para atuar nessa situação de controle.

R.R. Soares conhece e identifica de maneira fácil as maneiras de chegar até seu público, os fiéis. Assume o papel de conselheiro, amigo, age de forma a se colocar na vida das pessoas, demonstra compreensão diante de seus problemas, simula a vivência de seus dramas, dificuldades e leva uma palavra de conforto, dispensando a atenção exclusiva buscada por cada pessoa que frequenta a igreja. Apresenta-se como uma espécie de “enviado divino” cuja função é tornar a vida de todos muito melhor através do poder de sua igreja, fato que é característico da posição-sujeito por ele assumido. Demonstra-se o efeito sujeito, neste caso, quando ele se identifica com a posição sujeito dominante, conforme leciona Pêcheux, constituindo-se em um “bom sujeito”.

3 IDEOLOGIA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Levando em conta o discurso como objeto histórico-linguístico da Análise do Discurso, os processos históricos e ideológicos interagem a todo o momento com os fenômenos linguísticos. Diante disso, destaca-se que “na AD, o discurso não reflete a ideologia como algo que lhe é exterior,



mas a mostra, enquanto efeito de sentido, porque ela é constitutiva da prática discursiva” (INDURSKY, 1992, p.8).

Conforme Pêcheux, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, dessa forma, esse conjunto, denominado de formações ideológicas, assume um papel desigual na reprodução e na transformação das relações de produção. Com isso entende-se que as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas.

No caso do presente trabalho, cita-se a formação ideológica religiosa, uma característica dominante realizando a interpelação dos indivíduos em sujeitos através do aparelho ideológico do estado religioso.

Levando em conta que a ideologia está presente em todo processo de constituição de dizeres, Pêcheux e Fuchs (1997) assinalam que a formação dos discursos está relacionada com o conceito de Formação Ideológica através das posições de classe. Sendo assim, a FI atua como um regente que determina o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição. Por isso, podemos afirmar que toda Formação Discursiva possui uma Formação Ideológica que a representa.

Os caracteres ideológicos fazem parte do comportamento e influenciam atos e escolhas, o que fica claro quando falamos em discurso. No Show da Fé, distingue-se o cuidado e a presteza na colocação e na enunciação de cada palavra, como se necessitasse ser algo exato, a verdade mais clara e os verdadeiros exemplos do bem e do bom conselho.

Nada nesse contexto, entretanto, é por acaso. R.R. Soares conhece muito bem os motivos que o levam a agir de tal maneira, a mencionar tais expressões e dar continuidade a seu trabalho, ou, como ele mesmo diz, sua missão através da fé.

Por trás de tudo isso existe uma história, um caminho longo, uma trajetória desde a fundação da igreja neopentecostal, o que precisa ser respeitado sempre, essencialmente pelos seus seguidores, sejam eles missionários, pastores, obreiros ou irmãos da igreja ou do templo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o impacto que a religião e a fé ancoradas na mídia podem repercutir no dia a dia de seus seguidores, e levando em conta a ideologia religiosa dominante, reforçada pelos adeptos do Show da Fé, a ciência se torna secundária e quase desnecessária aos que crêem no poder “divino” de um líder religioso, neste caso, o missionário R.R. Soares, também apresentador do programa. A marca evidente é a influência no comportamento e na crença daqueles que, por vezes, sentiram-se “abençoados” com a cura e outras melhorias em suas vidas. O processo é praticamente inerente aos fiéis seguidores da Igreja Internacional da Graça de Deus, os quais, muitas vezes, não percebem que estão assujeitados à ideologia dominante da igreja.



Considerando que os depoimentos de fiéis funcionam como lugares de memória, o discurso remete sempre a um jogo de determinações que, por ser objeto de um ritual, reforça e/ou dá lugar a um silenciado que o dizer traz à tona.

Como um processo simples, observa-se a expansão religiosa, ancorada pela fé sendo representada por fiéis que se sentem beneficiados pela graça divina. Entretanto, mal percebem eles que o fazer “ver milagres” pelo testemunho da cura significa forma dissimulada de naturalização de sentidos, que, por um efeito de evidência, impede que sujeito se dê conta da disputa do espaço na mídia e, por sua vez, na sociedade. Os dizeres da religião são deslocados, (res) significados, enfim, minados de ideologias. E, junto com elas, práticas contraditórias, desiguais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, Jean Jacques. Análise do Discurso Político: O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EduFSCar, 2009.

INDURSKY, Freda. A fala dos quartéis e outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira república brasileira (1964-1984). Tese (doutoramento em Letras) – Unicamp. Campinas, 1992.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. O discurso. Estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990.

_____. Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Ed. da Unicamp, 1975; 1988.